

Universidade Aberta do Brasil - UAB
Prolicenciatura em Artes Visuais

INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O
CONTEMPORÂNEO

Carlos Eduardo Sousa da Fonseca

Porto Velho, Julho de 2013

Carlos Eduardo Sousa da Fonseca

INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Aberta do
Brasil UAB, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em
Artes Visuais sob orientação de Daniela
Curreau.

PORTO VELHO, JULHO DE 2013

INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O
CONTEMPORÂNEO

CARLOS EDUARDO SOUSA DA FONSECA

INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O
CONTEMPORÂNEO

Relatório de Monografia de Graduação aprovado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais, da Universidade de Brasília,
pela seguinte banca examinadora:

PORTO VELHO, JULHO DE 2013.

INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O CONTEMPORÂNEO

RESUMO

Buscando uma compreensão de uma arte híbrida onde o aluno contextualize os conhecimentos adquiridos, além da relação do educando com o objeto estudo e a sociedade na qual o educando está inserido se faz necessário levar ao educando que a arte possui uma intencionalidade: quer revelar a sociedade onde o indivíduo está inserido, buscando construir/desenvolver o gosto dele pela arte, refletindo seu posicionamento frente a si e ao mundo.

Palavras - Chaves: Arte-Educação, Leitura de Imagem, Interpretação de Imagem.

ABSTRACT

Seeking an understanding of a hybrid art where students contextualize their knowledge, and the relationship of the student with the study object and the society in which the student is in, it is necessary to bring to the student that art has an intentionality: the company wants to reveal where the individual is inserted, seeking to build / develop his taste for art, reflecting its position relative to each other and to the world.

Key Words: Art Education, Reading Picture, Image Interpretation.

SUMÁRIO

I - Introdução.....	06
1- Interpretação de imagens: um olhar intrínseco sobre o contemporâneo.....	08
2- Múltiplas aplicações da leitura e interpretação de imagens em sala de aula.	15
III-Considerações Finais	18
IV-Referências	19
V- Anexos	
1-Itacoatiaras da Pedra lavrada de Ingá. Campina Grande/ PB	21
2- Figura geométrica da Pedra Furada. São Raimundo Nonato/PI	22
3- Napoleão Cruzando os Alpes 91801.....	23

Introdução

Nas últimas décadas têm-se discutido muito sobre a disciplina de Arte na Educação. Observa-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais a preocupação em ministrar uma disciplina tão heterogênea, mas que ao mesmo tempo seus elementos se fundem.

Frente aos novos desafios que o educando passa em sua vida civil e acadêmica, faz-se necessário repensar qual metodologia trabalhar com a disciplina de arte para esse aluno submerso de informação, mas emerso de significados.

Buscando a relação do educando como objeto de estudo e a sociedade na qual o educando está inserido imerso nas tecnologias, é importante que ele compreenda que a história da arte não é algo tão distante de sua realidade. O fato de ele produzir algo com um dado significado e que reflita seu posicionamento frente a si e ao mundo, o torna parte dessa história.

De acordo com suas descobertas, o aluno poderá expressar sua visão de mundo frente à realidade em que vive - no âmbito das artes visuais e por meio da interpretação de obras notórias. O processo de amadurecimento dessa visão poderá servir como um impulsionador.

Tendo como base a *Abordagem Triangular*, derivada do sistema americano. *Disciplined Based Art Education* (DBA), onde , cuja representação consiste em desenvolver nos alunos as habilidades para entender e apreciar a arte, tratando-se de um conhecimento das teorias e contexto da arte, além da capacidade de responder e criar arte., tendo como representante brasileira Ana Mae Barbosa (1942), o aluno é estimulado a ler uma obra, contextualizar essa obra com sua experiência de vida e revelar por meio de uma produção artística uma visão resultante sobre o fato, tornando sua aprendizagem muito mais significativa.

Outro teórico importante mencionado no presente Trabalho de Conclusão de Curso é o norte-americano Robert Ott, que por meio de passos

sistemáticos induz o aluno a aprender/aperfeiçoar a sua visão de fruidor, gerando novos olhares sobre uma obra em que até então o mesmo não aprofundara sua visão, obra essa que se propõe a servir como base para torná-lo um indivíduo sensível e ativo no ato da fruição.

Segundo GOMBRICH (2008, pág. 626) os valores artísticos não são relativos, pois podemos reconhecer a mestria de obras de arte, distanciando-as de nossas preferências, afastando-as de uma arte relativa e valorizando assim as diversas manifestações e linguagens artísticas.

Ao reunir os teóricos apresentados, espera-se contribuir para a desmistificação de que o fazer artístico e a fruição das obras de arte pertencem a uma classe privilegiada, e que a massa não consegue relacionar-se com um objeto artístico. É necessário mostrar ao educando que a arte possui uma intencionalidade: quer revelar a sociedade onde o indivíduo está inserido, buscando construir e desenvolver o gosto dele pela arte.

1- INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR INTRÍNSECO SOBRE O CONTEMPORÂNEO

O que se vê depende do que se sabe. (Ernst Gombrich)

Desde os primórdios o homem sente a necessidade de compreender o mundo que o cerca, e vai descobrindo o que o circunda, criando assim símbolos que o ajudem a expressar seu entendimento. Pode-se salientar as pinturas rupestres, em especial as encontradas em Lascaux (França), Altamira (Espanha), Niex (França) ou até mesmo nos sítios arqueológicos brasileiros, como os da Paraíba (anexo 1) e Piauí (anexo 2) que retratam o cotidiano dos nossos ancestrais. Essas pinturas foram geometrizando-se até chegar uma forma simplificada, surgindo assim a escrita cuneiforme.

Da escrita cuneiforme até as egípcias (demótica, hierática e hieróglifa), pode-se perceber o zelo do homem antigo em expressar-se por meio da arte, para exprimir suas convicções religiosas e como instrumento de rituais que auxiliassem na sua vida pós-morte, além de utilizar a imagem como reforço para demonstrar sua hierarquia, assim como os egípcios realizaram na Regra da Frontalidade.

O legado grego que se inspirou na estética egípcia e com o tempo foi contornando sua singularidade, tornou-se o cerne da estética ocidental, sendo referência das imagens romanas.

O monoteísmo foi consolidado e as imagens serviram como verdadeiras catequeses para instruir aos gentios a nova forma de se ver o transcendente, levando-os a abandonarem suas ideias politeístas.

Afrescos, iluminuras, retábulos, ícones, mosaicos e tantas manifestações pictográficas foram utilizadas, e os iconoclastas começaram a interpretar que a ideias dessas imagens para os recém-convertidos ao cristianismo poderia retorná-los ao paganismo, iniciando assim as lutas iconoclastas.

No renascimento, onde a imagem retrata uma imagem teocêntrica, porém com uma retórica antropocêntrica, a imagem é fruto de um longo

processo de estudos que incluem desde cálculos detalhados como o da perspectiva áurea, até conhecimentos de anatomia.

Com a Revolução Francesa e tantos outros eventos históricos, a imagem serviu para retratar não só a intencionalidade, como as ideias que estão sendo retratadas, utilizando-se assim a arte como expressões de poder, distanciando muitas vezes a massa das concepções artísticas. Temos como exemplo as obras de Jean Baptist David (anexo 3), retratista de Napoleão Bonaparte que executava suas obras exaltando o poder do mesmo, apesar da baixa estatura do imperador. O artista agregava valores a objetos inanimados, modificando a realidade, como ocorreu na obra Napoleão cruzando os Alpes.

“Esta é uma evidente peça de propaganda. Napoleão queria parecer “calmo sobre um cavalo feroz”, e David criou esta imagem de autoridade rampante. Na verdade, Napoleão fez a viagem montado numa mula” (DIXON, 2012 p 269).

No Brasil, houve uma tradição de copiar as estéticas advindas da Europa, especificamente da França. Em 1917 a exposição de Anita Malfatti causou alvoroço após a publicação do Artigo de Monteiro Lobato, publicado no jornal O estado de São Paulo em 20 de dezembro de 1917, com o título *A Propósito da Exposição Malfatti*, que criticava severamente Anita Malfatti, formando assim dois grandes grupos: os modernistas que se opunham a uma reprodução européia, e de outro lado os que a defendiam. A estética conservadora não compreendeu a intencionalidade da visão modernista, opondo-se mesmo sem conhecer as ideologias implícitas nas obras.

Na Idade Contemporânea podemos observar adversidade nos estilos artísticos, assim como a expressão de cada artista, inserido em seu contexto histórico e cultural.

A iconografia é esse ramo da história da arte que relaciona ao tema ou à significação das obras de arte, por oposição à forma.(Groulier, 2005, p.14)

Pode-se perceber a importância da imagem ao longo dos séculos e sua função na sociedade de expressar os conceitos implícitos em cada época.

Das primeiras escolas técnicas e científicas criadas por D. João VI, passando pelas ideias de livre-expressão para crianças na Arte Moderna de 1922, indo pela criação da Escolinha de Arte no Brasil em 1948, a forma de se trabalhar com a arte nas escolas foi se tornando cada vez mais importante na formação intelectual de crianças e adolescentes. Hoje a disciplina de Arte, presente na Base Nacional Comum, traz-nos um desafio em trabalhar com a disciplina, quando os professores ainda não se encontram com formação acadêmica suficiente para ministrar a disciplina, desvirtuando assim os objetivos da mesma.

Há, porém, diversos autores que trabalham com a importância da leitura da imagem e a importância da interdisciplinaridade no processo de compreensão e interpretação de imagens.

Panofsky (1932) alerta-nos que uma obra de arte remete a estruturas mais profundas com valores simbólicos pertencentes a sua cultura. O mesmo autor salienta que a descrição de uma obra não se baseia somente nas percepções imediatas do objeto isolado, mas em um conhecimento geral dos princípios da configuração artística.

Nesse contexto, quando lemos uma imagem, uma série de conhecimentos culturalmente determinados vem à tona, explicitando os valores do artista. Desta forma, compreender os elementos da obra assim como o contexto do autor é de suma importância, pois induz o aluno a utilizar os conhecimentos prévios ou até mesmo buscar informações nas demais áreas do conhecimento, para assim se aproximar da obra em questão.

Ao se falar em ensino de arte no Brasil, não se pode deixar de citar o trabalho de Ana Mae Barbosa, autora da Abordagem Triangular, teoria que defende a ideia de que o bom ensino da arte deve associar o “ver”, leitura da obra de arte - buscando elementos significativos e realizando inter-relações dos objetos estudados com os estilos e teorias - com o “fazer”, produção artística - repleta dos significados que expõe a visão do educando -, além de contextualizar tanto a leitura quanto a prática.

Em minha experiência como arte-educador, considero fato comum observar em sala de aula alunos familiarizados com a história de uma cidade ou país, e, no entanto não conseguem contextualizar a relação das expressões artísticas com essas informações. Não conseguem abstrair, por exemplo, o porquê da arquitetura das igrejas mais antigas das cidades, a valorização da cultura local e tantas outras produções que expressem a identidade de uma determinada sociedade com suas particularidades estéticas. Acredita-se que o desempenho dos professores em sala de aula seja prejudicado em virtude da escassez de formação na prática docente no Ensino da Arte. Muitas vezes os professores sem formação na área desvinculam o que se trabalha em sala de aula com o que é trabalhado na história da arte ou outras disciplinas do Currículo Escolar, transformando assim a aula de Arte em um momento de passa tempo com atividades desconectadas da disciplina, ou simplesmente se propõe a cumprir a sua carga horária, sem investir no conteúdo.

A Abordagem Triangular propõe um tripé de ações do professor em sala de aula que podem conduzir os estudantes a uma leitura clara de imagens, e consequentemente, ao hábito de busca contínua pela arte. A história da arte ajuda a entender o tempo, o espaço e o contexto em que as obras estão inseridas. A leitura de obras ajuda o aluno a decodificar os significados diversos agrupados em uma obra de forma que ele perceba sua linguagem, as diferentes formas, os tipos de construções, a influência das cores utilizadas e muitos outros elementos nela encontradas. E por fim, o próprio fazer artístico, que vai levar o estudante a experimentar e experienciar a produção de uma obra por completo. (BARBOSA, 2005, p. 120).

Uma das questões abordadas por BARBOSA que se faz bastante pertinente a este trabalho é o papel da arte em nossas escolas. Estimulando os alunos a serem atores no processo de sua aprendizagem, e não meros coadjuvantes, o educador deve orientar seus educandos de tal maneira que eles compreendam o assunto abordado em sala de aula., e que, além disso, contextualizem esse conhecimento adquirido com os outros de sua vivência quer seja do ambiente formal (escola) ou informal (casa, amigos, etc.),

produzindo tendo como referência um processo mais amplo de observação, não apenas uma cópia imediata do que se vê.

Pensando dessa forma, poderemos formar, na escola, o público que se deseja ter hoje em galerias e museus. A escola é o caminho para tornar o acesso à arte possível a uma vasta maioria da população, para que estes possam apreciar e usufruir da experiência estética apresentada nesses espaços.

O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. (FUSARI, 2006 p. 53)

Para aplicação da Abordagem Triangular, no que diz respeito à leitura de imagens, podem ser utilizadas abordagens teórico-metodológicas que possibilitem análise e compreensão da obra de arte. Dentre estas abordagens destaca-se o *Image Watching*, para interpretação de obras de arte, que foi apresentado no Brasil por Robert William Ott em 1988, em um curso ministrado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP). Retoma-se essa abordagem metodológica por meio do texto *Ensinando Crítica nos Museus*, publicado na ocasião da visita de Ott ao Brasil.

O *Image Watching* é uma abordagem que se ocupa da elaboração de conceitos para a sistematização da crítica de arte associada à prática criativa na arte-educação em museus, pois segundo Ott, a integração do conhecimento com expressão e produção artística é essencial para a arte. A criticidade é mais efetiva quando combinada com a produção artística, e não quando considerada como um item separado, escrito ou oral - um mero exame de obras. O ato da transformação ou interpretação criativa do conhecimento da arte, adquirido por meio de experiência crítica em museu, torna-se essencial (OTT, 2008)

O *Image Watching*, como sistema de ensino de crítica, surgiu entre as décadas de 70 e 80 e foi se desenvolvendo em pesquisas de campo durante um longo período. Este modo de ensinar foi adotado e aprimorado ao longo do

tempo em museus de vários países, como os dos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha e, inclusive os do Brasil.

Esse sistema de interpretação busca, além do pensamento crítico a respeito de obras de arte, a transformação dos conceitos decorrentes desse processo em produção criativa. Para formar um método de ensino da arte, o sistema *Image Watching* é composto por um estágio preparatório, o *Thought Watching*, e mais cinco categorias subsequentes: descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando. Segundo Ott, esse é um estágio preparatório de sensibilização para exercício da crítica de arte, uma espécie de aquecimento no processo de compreensão da leitura de uma obra de arte.

Em sala de aula costuma-se observar alunos se depararem com uma imagem e não compreendê-las, lendo apenas os elementos dissociados e rotulando entre o gostar e o não gostar. Esta dificuldade de identificar os elementos que compõe a obra, focando apenas em elementos desassociados, consiste em uma visão superficial, incapaz de observar a obra por completo. Dessa forma se faz necessário levá-los a compreender os elementos que compõe uma obra e aprender a lê-los, o que poderá facilitar a sua visão na interpretação de uma imagem.

A primeira categoria, *descrevendo*, serve para que o aluno inventarie e compartilhe em sala de aula o que observa em uma obra, sem buscar necessariamente os significados presentes na obra. O que é importante nesse processo é que o professor não interfira na descrição, pois o próprio aluno, no decorrer dos demais processos, perceberá sua conexão com o assunto abordado em sala.

Na sequência, na categoria *analisando*, o estudante analisará a obra selecionada por meio da pesquisa de seus detalhes técnicos: forma, composição - como apreciar a obra globalmente. Esse passo é importante, pois o aluno se terá desprendido da ideia de que a arte pode ser compreendida apenas por profissionais da área. Que ele, como integrante de uma massa, não possui acesso a essas informações, e que assim não poderá ser um apreciador da arte.

Na terceira categoria, *interpretando*, é que o aluno pode começar a indagar sobre as ideias que levaram o artista à produção da obra. O papel do professor nesse processo torna-se primordial, pois estimula a criatividade do aluno, auxiliando assim na familiarização com a obra em estudo.

A categoria seguinte é a *fundamentando*, na qual é disponibilizado um material adicional para a interpretação da obra, como por exemplo, conhecimentos históricos ou de outras formulações críticas a respeito da obra, conhecimentos estes que os alunos adquiriram em suas experiências com os meios de comunicação e/ou por meio das disciplinas da grade curricular, como história, literatura filosofia e sociologia. A interdisciplinaridade torna-se latente, principalmente porque o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem busca essa competência.

Competência de área 5 - Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção. (Matriz Curricular Enem, 2009 p. 03).

Culminando o sistema de crítica *Image Watching*, temos a categoria *revelando*, na qual é estimulada a revelação de todo o conhecimento adquirido neste processo por meio da expressão artística. É nessa etapa que o aluno já possui uma familiaridade com a obra estudada, podendo assim relacionar o assunto estudado a sua vivência, produzindo assim uma obra com significado.

Os passos indicados, segundo o autor em consonância com a Abordagem Triangular é um eixo norteador para que o professor tenha alguns elementos que possam instigar a criticidade do aluno frente a uma obra de arte e relacioná-la ao seu cotidiano, demonstrando assim a acessibilidade do mesmo a uma produção que revele sua vivência.

2- MÚLTIPLAS APLICAÇÕES DA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS EM SALA DE AULA

Em experiências realizadas nos anos de 2011 e 2012 com alunos do 2º ano do Ensino Médio, pude notar a importância dos processos citados na

formação escolar dos educandos. Objetivando trabalhar interdisciplinarmente a filosofia, sociologia e redação, os alunos foram estimulados a selecionar uma obra de arte que mais lhes chamasse atenção e contextualizar com temas do cotidiano. O critério de seleção das obras deu-se pela ementa da disciplina, que abordava do renascimento até as vanguardas europeias e modernismo no Brasil.

O resultado superou as minhas expectativas, pois os alunos utilizaram variadas técnicas e recursos (lápis de cor , tintas , colagens manuais e até mesmo colagens digitais)para exprimirem os temas e defenderem seu ponto de vista, subsidiado nos estudos realizados sobre os pensadores abordados nas disciplinas de filosofia e sociologia como Émile Durkein, Karl Marx, Marx Weber e August Comnte.

Durante todo o ano letivo, os alunos estudaram as disciplinas pertencentes ao projeto, a fim de se exprimirem por meio textual e pictográfico. O processo do trabalho realizado, não só desenvolveu os conteúdos abordados em sala de aula, mas fomentou a expressão oral por meio de debates e seminários, onde os alunos contextualizaram o que estudaram, relacionando a teoria a sua vivência.

É comum encontrar alunos que após compreenderem os passos da leitura de uma imagem, ao se depararem com obras expostas em grandes museus, já conseguem contextualizar as imagens que observam com os conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas da grade escolar, antes mesmo de lerem a identificação das obras. Quando chegam próximos às obras, apenas confirmam o que havia sido lido por meio da composição da imagem, demonstrando assim que houve uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, quando o aluno está consciente de informações contidas em uma obra de arte e verifica que o seu contexto histórico reproduz eventos de uma determinada obra de arte, pode interpretá-lo com o intuito de registrar sua insatisfação ou aprovação do assunto abordado pelo autor, ou então registrar seu ponto de vista frente a assuntos do seu cotidiano, gerando ressignificações e assim construindo um conhecimento.

Apresenta-se na sequência uma proposta de aplicação da leitura e interpretação de imagens, adaptável a maioria das obras e autores da história da arte universal.

Como público alvo, direciona-se a proposta aos alunos do Ensino Médio - especificamente da 2ª série, no entanto pode ser adaptada desde a Educação Infantil.

Inicialmente, é necessário definir o objetivo da leitura e interpretação de imagens, onde há a contextualização do assunto abordado em uma determinada disciplina, através da leitura de imagens, o estímulo da leitura e produção com base nos conhecimentos adquiridos em uma determinada escola artística e a compreensão do contexto histórico de uma determinada obra.

Com isso, o professor deve apresentar aos alunos a imagem a ser lida e posteriormente interpretada, estimulando a observação das principais formas que compõe a obra. Essa etapa pode ser realizada utilizando recursos diversos, como imagens reproduzidas através de um projetor de slides, impressas em tamanho ampliado ou impressas em tamanho pequeno, distribuída para os alunos divididos em grupos.

Um método prático para orientar a leitura e contextualização das obras de arte é reproduzir palavras-chaves sugeridas pelos próprios alunos para construir um mapa conceitual. Outro método de organização de ideias é pedir que os alunos recortem de revistas imagens ou reportagens que remetam à obra em questão. Com esse procedimento, foram realizadas as três primeiras etapas do processo (descrever, analisar, interpretar).

Após esse procedimento, que pode durar de uma a três aulas, pode-se seguir para a fundamentação teórica da imagem. Esta deve partir dos conhecimentos que os alunos então possuem. É importante que o professor dialogue com colegas de outras disciplinas, que possivelmente estarão trabalhando o mesmo assunto, porém com a abordagem que a sua disciplina

requer. Observar essa interdisciplinaridade é de suma importância não só para o aluno, como para a valorização da disciplina de arte na escola.

Por fim, o aluno é estimulado a relacionar todo o conhecimento obtido nas aulas anteriores à sua própria prática artística, através do uso de materiais e técnicas diversas. Uma posterior exposição dos trabalhos valoriza a atividade, pois além de estimular a autoestima do aluno, chama a atenção para novas interpretações. O processo de leitura volta-se para a produção em sala de aula, e assim forma-se um leitor crítico e capaz de ler nas entrelinhas das tintas, pincéis, formões e tesouras.

III- Considerações Finais

O Arte-Educador que é consciente das práticas pedagógicas em sala de aula reconhece que seu papel de formador de opinião é latente, assim como elencar teóricos e teorias que possam subsidiar sua docência.

A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa , assim como o *Image Watching* de Robert William Ott sugerem estratégias para se trabalhar criticamente na docência da arte, cabendo ao educador ajustá-la de acordo com sua realidade em sala de aula.

O educando, ao compreender que a história de uma obra não se limita a fatos isolados, mas que é repleta de signos poderá utilizar seus conhecimentos prévios para compreender a obra, utilizando-se assim dos conteúdos abordados nas disciplinas da grade escolar.

É importante fomentar o processo de leitura e interpretação de imagens nas escolas, pois estimula o educando a buscar novos elementos a cada leitura e auto expressar por meio de produções artísticas. Ao professor de arte, a participação ativa dos alunos em suas aulas valoriza a experiência com a disciplina, além de auxiliar na compreensão dos demais conteúdos escolares por meio da interdisciplinaridade.

Dessa forma, a compreensão da leitura de imagens e suas consequentes interpretações poderão motivar o educando a investigar as demais áreas de conhecimento que abordem um determinado fato, e ao apropriar-se dessas informações, o aluno possivelmente será capaz de expor uma opinião baseada nos conhecimentos adquiridos para a leitura de uma nova obra. Assim sendo, gera-se um ciclo em que se suscita o debate e o intercâmbio de conhecimentos.

Trata-se da construção do olhar crítico do aluno, olhar esse que poderá se desenvolver posteriormente de maneira autônoma, e formar um indivíduo que se sentirá inserido nos espaços artísticos da sociedade.

IV- Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no Ensino da Arte. Anos oitenta e novos tempos. São Paulo. Coleção Estudos. Editora Perspectiva. 2005.

_____, Teoria e prática da educação artística. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990.

COSTA, Cristina. Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico. São Paulo: Moderna 2004.

FUSARI, Maria F. de Rezende e. Arte na educação escolar. São Paulo: Ed. Cortez 2001.

GONBRICH, Ernst Hans, Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Ed.LCT.2008.

GRAHAM-DIXON, Andrew. Arte, o guia visual definitivo. Tradução Eliana Rocha. São Paulo. Ed. Publifolha. 2012.

GROULIER, Jean-François. Descrição e interpretação in A Pintura. Descrição e interpretação. Jaqueline Lichtenstein (org). Vol 8. São Paulo. 2005.

OTT, Robert Willian. Ensinando crítica nos museus. In: Arte-educação: leituras no subsolo. Ana Mae Barbosa (org). São Paulo. Ed. Cortez. 2008.

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo. Ática. 2010.

http://www.aprendebrasil.com.br/AtividadesColaborativas/pdf/Releitura_e_Tecnicas.pdf . Acessado em 04/03/2013.

<http://www.historiadaarte.com.br>. Acessado em 01/02/2013.

V- ANEXOS

ANEXO 1



Itacoatiaras da Pedra lavrada de Ingá. Campina Grande/ PB

ANEXO 2



Figura geométrica da Pedra Furada. São Raimundo Nonato/PI

ANEXO 3



DAVID, Jacques-Louis. Napoleão Cruzando os Alpes 91801. Óleo sobre tela, 260x221cm, Château de Malmaison, Rueil-Malmaison, França